

Uma rota do património da saúde na Colina de Sant'Ana

"A medicina será talvez a sciencia mais carregada de tradições, porque é inerente à própria natureza humana o evitar o sofrimento...". Palavras sábias, escritas em 1912 por Alberto Mac Bride, cirurgião do banco do Hospital de S. José.

Esta ciência, carregada de tradições, deixou vestígios por todo o país, particularmente na zona antiga de Lisboa. O casco urbano entre a Avenida da Liberdade e a Avenida Almirante Reis, ou seja, uma das colinas de Lisboa, está pejada de património histórico, artístico e científico.

Este património poderá ser objecto de mil rotas. Os vestígios materiais e imateriais multiplicam-se indefinidamente. Vamos, hoje, percorrer um caminho que nos conduz a muitas portas que escondem séculos de história e de vida, mas que falta estudar e desvendar.

Tudo terá começado no final do século XV, no Rossio, quando este local

foi o ponto de encontro dos santos padroeiros de dezenas de pequenas instituições que acolhiam pobres e doentes. Será também, aqui, o nosso ponto de encontro e de partida.

Em 1492, no enfiamento da Igreja de S. Domingos, D. João II lança a primeira pedra do Hospital Real de Todos-os-Santos (HRTS). Será uma "obra do regime" e tornar-se-á um símbolo da inovação em medicina, arquitectura e organização.

Em 1755, com o terramoto, o HRTS sofre grandes danos e será substituído, anos mais tarde, pelo Hospital Real de S. José. Este hospital foi ocupar o edifício do Colégio de Santo António-o-Novo (1579-1759), colégio je-

suíta que, segundo Henrique Leitão, foi "uma das mais importantes instituições de ensino da capital e da história do nosso país".

A "Aula da Esfera" deste Colégio, hoje Salão Nobre do Hospital de S. José, é considerada pelos estudiosos da história da ciência um grande pólo europeu, onde se ensinava, entre outras disciplinas: cosmografia, astronomia, geometria, aritmética, náutica, óptica e engenharia militar.

O Hospital Real de S. José herdou não só o saber de duzentos e oitenta e três anos do HRTS mas também cento e oitenta anos da história de ensino jesuíta. Estamos perante um património material e imaterial de duas



Hospital Real de Todos-os-Santos (1592-1775).



Luís Martins

Hospital de S. José. Pórtico de entrada (1811).

Jorge Vasco

Hospital de S. José. Paineis da Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão-o-Novo.

instituições maiores da ciência e do ensino em Portugal.

A Capela do Hospital, antiga sacristia da igreja do Colégio, é monumento nacional e o conjunto edificado do antigo colégio foi classificado como imóvel de interesse público.

O Hospital de S. José irá honrar, durante duzentos e trinta e três anos, a memória da herança recebida, tendo-se revelado uma instituição de grande prestígio científico.

Em 1857, é anexado ao Hospital de S. José o edifício do Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro, mesmo ali ao lado, que durante cento e sessenta e quatro anos tinha pertencido à Ordem dos Frades Bernardos, passando a chamar-se Hospital do Desterro (1857-2007).

Para além deste passado conventual, o Hospital do Desterro, encerrado em Março de 2007, esteve ao serviço dos doentes durante cento e cinquenta anos e destacou-se, particularmente, na disciplina de Dermatovenereologia. Em 1955 foi aí criado o Museu da Dermatologia Portuguesa, Dr. Sá Penella. Do espólio deste museu ressalta a Coleção de Figuras de Cera representando patologia dermatológica que, pela sua qualidade e por ser única em Portugal, deveria ser considerada património nacional.

Continuando o percurso, encontramos, à esquerda, o Instituto de Medicina Legal de Lisboa (1879). A este encostado, o edifício da Faculdade de

Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, primeira Faculdade de Medicina de Lisboa (1911-1953). Do outro lado da rua, os pavilhões do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana (1902-2008).

Atravessando o Campo Mártires da Pátria avistamos o Hospital dos Capuchos. Este, integrado nos Hospitais Cívicos de Lisboa (HCL) em 1928, é constituído por diversos edifícios de várias épocas: edifícios do Convento, do Asilo da Mendicidade de Lisboa e do Palácio Mello. Este último alberga nos seus salões, revestidos a azulejo, uma enfermaria de doentes de cirurgia.

Desde 1997 que as caves do Palácio Mello albergam um espólio científico a que foi dado o nome de Núcleo Museológico do Hospital de Santo António dos Capuchos.

Caminhando em direcção ao Hospital Dona Estefânia somos surpreendidos pelos altos muros do Hospital Miguel Bombarda (1848). Esta instituição, antigo Convento da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, posteriormente convertido no primeiro hospital psiquiátrico em Portugal com a designação de Hospital de Alienados em Rilhafoles, alberga um património histórico assinalável.

Retomando o percurso, chegamos ao Hospital Dona Estefânia (1877), única instituição dos HCL construída de raiz como hospital pediátrico.

Se continuarmos um pouco mais, chegamos ao Hospital de Arroios (1892-1992), já em elevado estado de degradação. Este hospital foi instalado no antigo Convento de Freiras Concepcionistas Franciscanas (1756-1890), anterior Colégio Jesuíta de Formação de Missionários para o Oriente (1756-1755).

Regressando e descendo a Colina de Sant'Ana, passamos pelo Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto (1889) com destino ao Hospital de Santa Marta. O Hospital de Santa Marta (1903) ocupou o antigo Convento de Religiosas Clarissas de segunda regra sob a invocação de Santa Marta. A igreja deste mosteiro, classificada como imóvel de interesse público, é considerada por Victor Serrão "...um dos mais saborosos exemplares maneiristas que subsistem em Lisboa...".



Luís Martins

Hospital de S. António dos Capuchos. Fachada da igreja do antigo convento.



Luís Martins

Hospital dos Capuchos. Boca de cisterna com relógio de sol (1586).

O Hospital de Santa Marta exerceu as funções de hospital escolar até 1953, ano em que a Faculdade de Medicina do Campo de Santana foi transferida para as instalações do Hospital de Santa Maria. Em 1957, este hospital recebe o primeiro museu da história da medicina em Portugal, designado Museu dos HCL – Doutor Alberto Mac Bride. Se, em Portugal, durante séculos, a vida da cultura, da educação e da ciência esteve intimamente ligada à vida do Cristianismo e à história da Igreja, os HCL tiveram o privilégio de ser



Luís Martins

Hospital de S. Marta. Fachada da igreja do antigo convento.

os sucessores de instituições religiosas que, no conjunto, somam cerca de mil e duzentos anos de vida. Durante mais de cinco séculos estas instituições foram também actores da história social e política da cidade e do país: nos Descobrimentos, na Ocupação Filipina, nas Invasões Francesas, no Liberalismo, na Primeira República. Dessas intimidades existem vestígios, memórias e património.

Para além do rico e diverso património cultural construído e classificado, há ainda um património científico que se inicia no Hospital Real de Todos-os-Santos e continua na Escola Régia de Cirurgia do Hospital de S. José, na Escola Médica Cirúrgica de Lisboa, entre outras instituições.

Os nomes maiores da medicina portuguesa e estrangeira com influência em Portugal, de finais do século XV a meados do século XX, passam por estas instituições. Apenas alguns vultos de médicos portugueses que ilustram esta afirmação: Bernardino António Gomes, Sousa Martins, Curry Cabral, Miguel Bombarda, Egas Moniz (Prémio Nobel da Medicina). Com o anúncio da construção de um novo hospital na zona oriental da cidade de Lisboa vão deixar de funcionar quatro destes hospitais. Se alguns membros da Comissão

Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios (ICOMOS) consideram a situação actual do património público português muito preocupante “... quando se inicia um processo de alienação de património público de que não havia memória desde a privatização dos bens do clero e da igreja, no século XIX e no início da República” (Jornal Público, 23-05-08), vêm-nos imediatamente à memória os edifícios dos hospitais de Arroios e do Desterro.

Antes que este processo de alienação do futuro do país atinja este património, não há tempo a perder para o inventariar, estudar, divulgar e defender.

BIBLIOGRAFIA

Leitão, Henrique. *Spaera Mundi: A Ciência na Aula da Esfera*, Catálogos, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2008.

Leone, José. *Subsídios para a História dos Hospitais Cívicos Lisboa e da Medicina em Portugal, 1948-1990*, Ed. da Comissão Organizadora das Comemorações do V Centenário do Hospital de Todos-os-Santos, Lisboa, 1992.

Veloso, A. J. Barros e Almasqué, Isabel, *Hospitais Cívicos de Lisboa – História e Azulejos*, Ed. Inapa, Lisboa, 1996.



Luís Martins

Hospital de S. Marta. Pintura do tecto do coro-baixo da igreja do antigo convento.

CÉLIA PILÃO,
Administradora Hospitalar